PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 148-158 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i3.76535

SÍSIFO E AS POSSIBILIDADES DE LIBERDADE NA CONDENAÇÃO ETERNA

SISYPHUS AND THE POSSIBILITIES OF FREEDOM IN ETERNAL CONDEMNATION

Ana Paula Barbosa-Fohrmann[1]

Resumo:

Este artigo explora o mito de Sísifo, figura central no Existencialismo, abordando sua punição eterna de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha, tarefa que nunca se conclui. Tendo Camus como ponto de partida e indo além, busca-se refletir, com base na Fenomenologia e no Existencialismo (Husserl, Merleau-Ponty, Sartre e Kierkegaard), sobre a possibilidade de libertação encontrada na ressignificação do sofrimento e da luta. O texto investiga temas como repetição, liberdade e transcendência, questionando se Sísifo, como metáfora da condição humana, pode encontrar sentido na monotonia de sua condenação. Discute-se também o tempo circular no Tártaro, considerando-o como prisão ou oportunidade de libertação, bem como as quatro possibilidades de reação de Sísifo diante da própria punição: rebeldia, liberdade no movimento, movimento sem empenho e abstinência. Ao enfocar a interação com sua condenação, o artigo busca responder de que modo a experiência de uma prisão temporal pode ser significativa, criadora e plena de sentido.

Palavras-chave: Sísifo; existencialismo; fenomenologia; liberdade; transcendência

Abstract:

This article explores the myth of Sisyphus, a central figure in Existentialism, addressing his eternal punishment of pushing a stone to the top of a mountain—a task that never reaches completion. Taking Camus as a starting point and moving beyond, it seeks to reflect, based on Phenomenology and Existentialism (Husserl, Merleau-Ponty, Sartre, and Kierkegaard), on the possibility of liberation found in the re-signification of suffering and struggle. The text investigates themes such as repetition, freedom, and transcendence, questioning whether Sisyphus, as a metaphor for the human condition, can find meaning in the monotony of his condemnation. It also discusses the circular time of Tartarus, considering it as both prison and possibility of liberation, as well as the four possible reactions of Sisyphus to his own punishment: rebellion, freedom in movement, movement without effort, and abstinence. By focusing on his interaction with the condemnation, the article seeks to understand how the experience of temporal imprisonment can become meaningful, creative, and full of sense.

Keywords: Existentialism; Freedom; Phenomenology; Sisyphus; Transcendence

[1] Doutora em Direito pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg. Doutora em Filosofia pela UFRJ. Professora Associada da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRJ. E-mail: anapbarbosa@direito.ufrj.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/4012995260619181

Introdução

Do I dare disturb the universe?
T.S. Eliot

Durante a sua vida como rei de Corinto, Sísifo, figura mitológica e herói do Existencialismo, foi reconhecido como extremamente esperto e possuidor de uma inteligência excepcional, o que o fez desafiar e enganar os deuses, especificamente Tânato (deus da morte), Hades (deus do submundo e dos mortos) e Zeus (deus dos céus e do trovão), criando até mesmo conflitos com Ares (deus da guerra). Seus atos de rebeldia determinaram sua punição.

Ao chegar ao Tártaro – a região mais profunda e sombria do submundo – ele é condenado a empurrar uma pesada pedra de mármore até o cume de uma montanha. Contudo, sua tarefa nunca se completa, pois a pedra sempre rola de volta para o sopé pouco antes de alcançar o topo.

Essa cena absurda se tornou uma poderosa metáfora da condição humana. Na tarefa exaustiva e no sofrimento da condenação eterna, é possível encontrar alguma forma de felicidade, desde que se ressignifique a luta e a relação mantida com o próprio fardo. No dizer de Camus: "É preciso imaginar Sísifo feliz." (2018, p. 141).

A felicidade a ser buscada no movimento eterno da pedra pode, entretanto, ser confrontada com questões como repetição e resistência, mas também pode ser associada à liberdade. Sísifo, como *alter ego* de todo ser humano, teria realmente possibilidade de encontrar sentido em uma tarefa monótona e sem fim? Em outros termos, a relação de Sísifo com a pedra e com a tarefa, que espelham a sua condenação, oferecem a ele alguma possibilidade de transcendência?

Este artigo se propõe a explorar essas perguntas para além da leitura de Camus, analisando como a repetição, a interação entre Sísifo e a pedra, e sua consciência na morte podem ser ressignificadas a partir de referenciais do Existencialismo e da Fenomenologia (como Sartre, Merleau-Ponty, Husserl e Kierkegaard). O objetivo não é oferecer uma interpretação exclusiva do mito por um único autor, mas pensar como diferentes matrizes existenciais permitem compreender a liberdade do herói na condenação eterna, em quadros de rebeldia, aceitação ou transformação. Por fim, este texto tratará do tempo circular no Tártaro como possível prisão ou oportunidade de libertação.

A Repetição como Afirmativa da Liberdade: Transcendendo a Dor

Sísifo repete um certo movimento incessantemente. Mas o mesmo movimento não é idêntico ao anterior. O mesmo se transforma em algo novo com a repetição. Nela, já há o germe da mudança: Uma renovação criativa da existência (KIERKEGAARD, 2009), pois, a cada vez que rola a pedra para cima, Sísifo ressignifica o ato: a repetição torna-se algo diferente a cada ato.

Ele ressignifica, desse modo, o movimento, o fardo, a dor e a frustração envolvidos. Aquilo que parece monótono, adverso e sem sentido pode se tornar algo estimulante, até entusiasmante e, mais do que tudo, repleto de sentido.

Sísifo relaciona-se com a pedra e com o movimento que ressignifica. A pedra e o movimento, que antes lhe eram um fardo e lhe causavam dor e frustração, passam a proporcionar prazer ou satisfação.

Pode-se dizer, em outros termos, que ele se entrega à repetição e com ela estabelece intimidade, encontrando satisfação na persistência. E mais do que isso: o movimento repetido lhe confere a possibilidade de transcender a dor, não negando a experiência do fardo e da frustração envolvidos, mas se integrando em cada um deles.

E neste ponto se abre uma ponderação: ele encontra prazer na dor a cada repetição, mas se abre, ao mesmo tempo, a ele a possibilidade de superar a dor, o que implicaria, por outro lado, que ele não mais encontraria prazer na própria dor.

O masoquismo, conforme interpretado a partir de Sartre (2015, p. 471), entra aqui como uma reflexão sobre a tentativa de Sísifo de afirmar a liberdade ao se submeter ao sofrimento. Nesse caso, ao encontrar prazer na dor, ele não negaria o fardo que lhe é imposto; ao contrário, ele o ressignificaria como parte de sua experiência.

No masoquismo, o indivíduo perde, entretanto, sua liberdade e transcendência, esta última entendida como um ir além de si mesmo para criar novos significados. Há renúncia consciente a isso. O masoquismo se apresenta como desejo de um indivíduo em ser tratado como um instrumento (objeto) entre outros. Sísifo, ao encontrar prazer na dor do movimento, pode ser visto como desejando ser nada mais do que um objeto, algo fixo, sem liberdade. Ele projeta ser um *em-si*, um ser que só existe como percebido. Ao se submeter ao movimento repetitivo e doloroso, ele entrega sua liberdade ao movimento da pedra, esperando que este movimento, por mais radicalmente livre que seja, proporcione um espaço para sua satisfação.

Como no masoquismo o sujeito assume a culpa de desejar ser um objeto, Sísifo se coloca, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto em relação ao movimento. Em que sentido? Ele consente com sua alienação ao aceitar o fardo da repetição incessante, aceitando que sua liberdade e subjetividade estão submersas no movimento da pedra. Essa dualidade entre o desejo de ser um objeto e a impossibilidade de escapar de sua consciência como sujeito gera, de acordo com Sartre, angústia (2015, p. 471). Sísifo, ao se submeter à dor repetida, encontra prazer não na realização do desejo, mas na consciência de sua própria impossibilidade de ser apenas um objeto. O fracasso de não alcançar um estado de total objetividade é, para ele, um momento de prazer, assim como o masoquista encontra prazer no fracasso de sua experiência (SARTRE, 2015, p. 472). É nesse sentido que o masoquismo, ao invés de abrir, ele fecha a possibilidade de superação, no sentido de transcendência da dor.

Mas há alguma chance de o prazer ou o fracasso repetido, que nem liberta, nem conduz à transcendência, se transforme? Ele poderia se transformar numa outra sensação para além do prazer ou do fracasso? Tanto num caso quanto no outro, haveria, por um lado, a necessidade contínua de intensificação do prazer da dor ou do fracasso para que Sísifo, a cada vez movimento, não o considerasse apenas prazer ou apenas dor ou mesmo fracasso.

No entanto, a repetição incessante e a busca por uma sensação mais intensa também evocam algo que a psicanálise denomina de pulsão de morte, conceito desenvolvido em *Além do Princípio do Prazer* (1920) por Freud, e que está associada ao desprazer, que é a tensão psíquica crescente (p. 95).

A pulsão de morte, como uma força que busca o retorno ao inorgânico, à repetição e à estagnação, sugere que essa intensificação não é uma pura afirmação da liberdade, mas sim um movimento em direção ao aniquilamento (FREUD, 1920, p. 115). Ao tentar alcançar um prazer – associada à redução da tensão psíquica,

com liberação ou alívio dessa tensão (FREUD, 1920, p. 95) – maior ou um fracasso mais significativo, Sísifo correria o risco de entrar em um ciclo que não transcende a dor, mas a perpetua, e de se afastar, assim, da liberdade, sendo absorvido por uma compulsão à repetição. A busca pela intensificação de um estado emocional repetido pode, assim, resultar não em uma afirmação da liberdade de Sísifo, mas em uma aproximação da destruição ou da autossabotagem, algo que contradiz a ideia de transcendência que, inicialmente, ele poderia buscar.

Além disso, esse movimento em direção à destruição ou à "morte" é paradoxal, pois Sísifo, na mitologia, já está em uma condição metafórica de morte, preso em seu ciclo eterno. Não se trata de uma morte literal, mas de uma ausência de evolução ou avanço no movimento e no tempo – que será discutido mais abaixo – , que é o que ele, em verdade, estaria buscando, ao tentar intensificar sua experiência repetitiva. O absurdo aqui é evidente: Sísifo, ao tentar intensificar o prazer ou o fracasso, estaria, em verdade, se afastando de sua própria liberdade e da transcendência que, de início, ele buscava.

Sujeito e Objeto: A Relação de Sísifo com a Pedra

Quando Sísifo, por um lado, se volta para a pedra: olha para ela, toca-a e imprime nela todo o peso de seu corpo, estabelece com ela uma relação. Esse prestar atenção nela, esse movimento consciente do seu corpo em se associar com o da pedra faz de Sísifo um ser intencionalmente consciente de sua ação; em outros termos, um sujeito (MERLEAU-PONTY, 1999).

Por outro lado, a pedra pode ser entendida também como sujeito, pois sua dureza, peso e enormidade – em outros termos, seu corpo – subjugam Sísifo, forçando-o a empurrá-la incessantemente. Nessa relação, Sísifo é objeto da pedra-sujeito. O corpo de Sísifo exerce peso sobre a pedra para movê-la para cima, mas a pedra, com seu peso contrário, resiste. Quando estão quase no cume, o peso da pedra vence, e ela rola para baixo. Nesse momento, a pedra, que domina e determina o movimento, torna-se o sujeito da relação.

Sísifo é consciência e se reconhece reflexivamente como sujeito ao visar à pedra (olhar para ela) e ao tocá-la. No ato de ele visar à pedra, existe simultaneidade por parte da pedra. Ela olha para ele de volta, o que será discutido mais abaixo. Ao tocá-la, ele se apreende como sujeito. (HUSSERL, 2006; MERLEAU-PONTY, 1999). Entretanto, também imediatamente ao tocá-la, ele se torna objeto dominado pela pedra.

O que se pode refletir é que a pedra, apesar de ser sujeito nesta relação de subjugação, é capaz de reconhecê-lo seja como sujeito, seja como objeto. A pedra é sujeito na relação com Sísifo, pois ela presta atenção nele, se dirige intencionalmente a ele, o vê. Quando ela o toca, ela se reconhece como sujeito e também como objeto. Há movimento intencionalmente reflexivo de consciência.

Sísifo a reconhece como sujeito e objeto. Para ela, ele é sujeito e objeto. À pedra, não é indiferente sua relação com Sísifo. Nesse sentido, ela o reconhece. O fato de a ela ser atribuído *status* de sujeito, assim como ela ser reconhecida como tal, tudo isso pode, sem dúvida, provocar reflexões.

Do ponto de vista sartriano (2015), a pedra não tem capacidade de devolver o olhar de Sísifo. Nesse sentido, uma relação não é possível, visto que a relação para se constituir, em Sartre, depende do olhar do Outro. Quando olho para o Outro, o Outro simultaneamente me olha, e nessa relação, estruturada como ser-para-o-Outro, ao visá-lo, torno-o objeto (um *em-si*) e, ao mesmo tempo, me

torno objeto do Outro (um *em-si*) (SARTRE, 2015, p. 455). No entanto, não se trata de uma relação puramente redutiva objeto-objeto. Isso porque o sujeito não deixa de ser um *para-si*, embora sua liberdade e transcendência sejam limitadas na relação. O *para-si* não é anulado, mas permanece em constante confronto com a liberdade do Outro. Essa é uma relação contínua entre liberdade e objetificação.

A relação, contudo, não do ponto de vista Sartriano, mas do ponto de vista Merleau-pontyano (1999) se estabelece devido ao toque e ao olhar. A reflexividade do toque é presente, por um lado, em Sísifo, que a sente de fora para dentro e de dentro para fora. No caso da pedra, por outro, a sua consciência advém do fato de que ela sente as mãos de Sísifo a empurrando, resistindo a elas, até ele, com esforço, chegar ao cume da montanha. Por fim, ela domina Sísifo, ao, por meio da sensação, rolar no sentido inverso, ou seja, para sopé da montanha.

Merleau-Ponty argumentaria, diferentemente de Sartre, que a pedra, de fato, vê Sísifo. O corpo vivo (corpo psico-orgânico) está no mundo e as coisas estão ao seu redor como sua extensão. Porque as coisas estão incrustadas em sua carne, elas o definem em sua plenitude. Ambos são feitos da mesma substância, o que significa que a visão do corpo vivo é, por um lado, produzida nas coisas, e as coisas, por outro lado, manifestam a visão. O corpo vivo vê as coisas e é visto por elas, e as coisas veem o corpo vivo e são vistas por ele. O mundo é, nessa medida, composto da mesma substância que o corpo vivo. Isso quer dizer que "a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, lá onde persiste, como a água-mãe no cristal, a divisão do senciente e do sentido." (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 20).

Em sua análise, ainda, da obra de Cézanne, Merleau-Ponty vai mais adiante. Mont Saint-Victoire, localizada na região de Aix-en-Provence, no sul da França, é um tema recorrente nas pinturas do artista, que a abordou de diversas perspectivas ao longo de sua carreira. Ao se manifestar para Cézanne, ela não é apenas observada, mas também "vê" o corpo vivo do pintor, guiando sua percepção e revelando sua identidade através da interação entre ambos. Cézanne revelou, então, por gesto e pincelada a identidade daquela montanha, mas também de uma fruta em uma cesta e de uma mulher banhando-se em um rio. E seus gestos que terminam em pinceladas são uma emanação dessas mesmas coisas, uma extensão delas. Cézanne declarou que "a paisagem (...) pensa-se em mim e eu sou sua consciência" (2013, p. 137). Aqui, fica claro que a montanha é uma consciência, como já articulado em relação à pedra de Sísifo.

Assim, a pergunta que resta é como Sísifo encontra liberdade e transcendência na relação com a pedra, visto que ambos são sujeito e objeto?

Se Sísifo se reconhece como sujeito e objeto, e percebe a pedra também como sujeito e objeto, isso cria uma relação dialética entre os dois, uma relação dinâmica que abre caminho para sua transcendência.

A transcendência de Sísifo emerge não na ruptura com sua condição, mas na integração: ele deixa de lutar contra a pedra ao compreender que sua existência está intrinsecamente ligada à dela. O toque, o peso e o movimento da pedra são partes da corporeidade de Sísifo, e a subjugação que ele sente pode ser ressignificada quando percebe que a pedra também depende dele para se mover. Esse entrelaçamento de sentidos e existências dissolve a separação entre Sísifo e o mundo ao seu redor, permitindo-lhe encontrar liberdade na aceitação dessa relação.

Por fim, pode-se ainda argumentar que a transcendência de Sísifo não está na superação de sua condição, mas na aceitação da tensão entre sujeito e objeto como parte essencial de sua existência. A liberdade surge nesse espaço de

negociação, onde ele ressignifica continuamente seu papel e transforma sua tarefa em uma experiência de significado renovado.

Consciência na Morte: Movimento e Reflexão no Tártaro

Uma vez mais, deve-se sublinhar, Sísifo está morto, embora consciente de onde ele se encontra, ou seja, no Tártaro. Na morte e na relação com a pedra é onde ele encontra sentido.

Sua consciência provém do movimento, que é um ato reflexivo. No movimento, ele se torna consciência de si. Ele não apenas se movimenta em direção à pedra, mas também movimenta a própria pedra. O próprio "se" do verbo movimentar aponta para a reflexão e autoconsciência de Sísifo. E no visar à pedra e no andar em direção a ela como que atraído por sua presença, como polo passivo na relação, que ele toma consciência de si e da intencionalidade do seu movimento. Ao tocar a pedra e empreender esforço para movê-la, a intencionalidade é reforçada. Suas mãos sentem a textura, o volume, bem como a resistência que ela oferece. Assim é que esses três modos de percepção da pedra: visar, andar e tocar tornam Sísifo consciência intencional motora. Portanto, ele não é apenas consciência de si, reflexivo sobre si mesmo no ato de mover, mas também ele é consciência em direção a pedra ou para ela, integrando-se ao movimento que ela envolve.

Além disso, ele a move num certo sentido – para cima da montanha. E é desse modo, como argumentado, que ele encontra sentido no empurrar a pedra. Não se trata de sentido encontrado no alto da montanha ("sentido do movimento"), momento em que a pedra rola para baixo, mas, sim, "sentido no movimento", no desenrolar da ação de mover e não na conclusão da ação.

Entretanto, há de se notar que o sentido no movimento não é fixo. A cada repetição, esse sentido se transforma. Não se trata de repetir um movimento idêntico, mas de revisitar o mesmo ato sob novas perspectivas. Assim, a repetição não é apenas um retorno ao mesmo ponto, mas um processo de ressignificação constante. Cada subida da pedra é diferente da anterior, pois traz consigo a memória dos movimentos passados e a antecipação do próximo. A recordação, entretanto, vive no passado, enquanto a repetição, por sua vez, se projeta no futuro. (KIERKEGAARD, 2009). Sísifo pode tentar encontrar no movimento de empurrar a pedra para cima um sentido continuamente recriado, assim como o narrador Constantin Constantius, que tenta verificar se a repetição é possível quando refaz uma viagem que realizou anteriormente a Berlim. Ele conclui que a experiência não pode ser recriada exatamente como no passado e, nesse sentido, a repetição é geradora de algo qualitativamente novo (KIERKEGAARD, 2009). Com isso, mesmo na monotonia aparente do ato, podem existir renovação e transformação, na medida em que a repetição implica movimento ativo que envolve liberdade e a criação.

No mundo dos vivos, Sísifo foi um rei astuto, um ser humano marcado pela sagacidade e transgressão. No mundo dos mortos, no Tártaro, ele é um condenado, destinado a repetir eternamente o ato de mover a pedra. No entanto, mesmo na morte, ele mantém uma consciência peculiar: ele é consciente de sua condenação, da repetição incessante do movimento e do "ser ou estar morto".

Essa consciência na morte é paradoxal. Como pode um homem morto experienciar e refletir sobre sua condição? Aqui, a experiência de Sísifo desafia a

noção convencional de morte como cessação absoluta da vida e, com ela, da percepção e da capacidade de reflexão, que associamos ao "ser ou estar vivo".

A consciência de Sísifo não se dissolve na morte; pelo contrário, ela parece emergir justamente da repetição do movimento. É no ato de empurrar a pedra – um gesto físico e simbólico – que ele percebe não só a extensão de sua punição, mas também a separação do mundo dos vivos e sua existência eterna no Tártaro. Como afirma Camus: *"O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí."* (2018, p. 42). A consciência de Sísifo, portanto, não é apenas um registro interno que se exterioriza na aceitação passiva de sua condição, mas um reflexo do absurdo que estrutura sua existência como morto em um mundo de silêncio, que não oferece respostas ao seu esforço contínuo e frustrado de tentar concluir uma tarefa que não tem fim.

Pode-se argumentar que, na morte, Sísifo é paradoxalmente uma consciência viva, não no sentido biológico, mas ontológico. Sua existência no submundo é definida pelo movimento repetido. Ela emerge não só da sua interação com a pedra, mas também do habitar um tempo e mundo outro, que é o Tártaro.

Sísifo é um ser morto que pensa e sente a sua condenação. Essa consciência, profundamente enraizada no absurdo de sua existência, é o que transforma sua punição em um espaço de reflexão e de significado.

Rebeldia e Liberdade: As Quatro Possibilidades de Sísifo

Mas Sísifo poderia se rebelar novamente contra os deuses e abandonar o movimento da pedra? Há quatro possibilidades para sua reação:

1. **Rebeldia ativa e liberdade**: Sísifo poderia, de fato, se rebelar novamente, abandonando o movimento e rejeitando a pena imposta pelos deuses. Como ele já está morto, não tem mais nada a perder, e sua rebeldia seria um ato de liberdade. Nesse caso, ele declararia que não iria mais se empenhar no movimento, não imprimir mais força ou energia nele. Ele se oporia à tarefa diretamente. Isso seria um contra-movimento, uma escolha por não se submeter mais à condenação imposta, encontrando liberdade na recusa. Essa escolha pode ser vista também como abertura que transcende a submissão. Ao negar-se a participar do jogo de forças entre ele e os deuses, Sísifo afirma sua liberdade tanto pela oposição direta quanto pela recusa em perpetuar o embate. Essa atitude abre espaço para um estado de existência na morte mais autêntico, sem necessidade de justificações. A conquista da liberdade aqui não decorre apenas da proatividade de Sísifo em buscá-la, mas também da recusa em resistir ou cumprir a tarefa, ou seja, a liberdade se apresenta nua, simplesmente como ela de fato "é".
2. **Liberdade no movimento**: Como ele já está morto, poder-se-ia pensar que ele não mais sente o movimento extenuante. Exatamente no próprio movimento, ele pode, então, encontrar a liberdade. Isso ocorre porque, ao repetir incessantemente a tarefa, ele concentra toda sua atenção conscientemente nela e se liberta do fardo, da dor e do peso da punição. Assim, o movimento em si se torna um lugar de liberdade, uma possibilidade de Sísifo encontrar significado e sentido, já que ele transcendeu a sensação. A relação de Sísifo com a repetição e com a pedra

aqui é diferente daquela arguida no tópico I. Ele se liberta da dor no movimento, enquanto, no tópico I, ele se integra à dor. A ênfase recai sobre o movimento como forma de transcendência da dor, mostrando uma dinâmica em que o movimento não apenas acolhe, mas supera o sofrimento. Além disso, a fluidez do movimento é um ponto de relevo na liberdade em movimento. Isso significa que Sísifo pode encontrar na própria ação de mover, em sua simplicidade e continuidade, uma manifestação da morte que flui, um estado em que a repetição deixa de ser um fardo e se torna apenas aquilo que ela é: movimento, sem peso, sem dor, sem necessidade de ser simbolizada como condenação. Ele ancora sua liberdade na aceitação do movimento, vivendo-o com mais leveza como parte de sua existência no Tártaro.

3. **Movimento sem empenho**: Uma terceira possibilidade não seria exatamente contradizer (ir contra) o movimento, mas, sim, não se empenhar nele. Em outros termos, significa não imprimir mais força ou energia na tarefa. Ele vai desempenhá-la, sim, mas sem engajamento, nem compromisso. Sísifo continuará empurrando a pedra, mas desprovido de vontade e sem qualquer propósito, apenas realizando a tarefa de forma mecânica e sem a intensidade de antes, deixando-a, portanto, fluir sem envolvimento.
4. **Abstinência e inércia**: A quarta possibilidade seria abandonar completamente o movimento e se posicionar parado, de pé ou sentado, no sopé da montanha. Abandonar, aqui, significa abster-se do movimento. Não se trata de uma negação do movimento ou de uma contradição ativa a ele, mas de uma suspensão. Esse ato de abster-se seria um movimento de liberdade, pois implica estar consigo mesmo, sem mais se submeter à repetição, simplesmente existindo ao lado do movimento, sem mais esforço. A inércia aqui não é, portanto, um estado de paralisia ou estagnação, mas, sim, um movimento de resistência passiva ao fluxo contínuo da repetição. Ao "abster-se", Sísifo não está indo contra o movimento da pedra nem negando sua própria condição. Ele simplesmente opta por não mais investir esforço nesse movimento, encontrando um tipo de liberdade na sua decisão de não mais ser consumido pela tarefa. Então, nesse contexto, embora ele não esteja em movimento ativo, há uma espécie de movimento interno — o movimento da escolha. Este movimento de inércia é um "estar consigo", uma liberdade que não se mede em ações físicas. Portanto, embora o movimento de "ficar de pé ou sentado" possa parecer estático, ele é, na verdade, um movimento consciente e de decisão. Ele não é contraditório ao fluxo da repetição, mas, sim, uma forma de distanciamento, que envolve um movimento interior e existencial.

Essas quatro possibilidades oferecem formas distintas de liberdade dentro da condenação de Sísifo. A escolha de uma ou outra dependeria de sua própria relação com a punição e de sua consciência na morte, mas todas envolvem uma mudança na forma como ele lida com a repetição e com sua tarefa eterna.

O Tempo Circular no Tártaro: Prisão ou Possibilidade de Liberdade?

O tempo no Tártaro é circular. Ele não segue uma trajetória linear como na vida humana. Isso porque o tempo aqui não avança; ao contrário, ele retorna, refletindo

o movimento incessante da pedra em rolar de cima do cume da montanha para o seu sopé. Essa circularidade faz com que o tempo esteja intrinsecamente ligado ao movimento de Sísifo, que é cíclico, sem fim, mas sempre com um novo começo.

O único momento em que Sísifo poderia se fixar é o começo. Trata-se de um começo que se renova a cada repetição. Há assim duas circularidades que definem o tempo no Tártaro: a que envolve o esforço de Sísifo em empurrar a pedra até o cume para vê-la retornar ao sopé, e a do início sempre renovado desse movimento.

Teria ele, então, possibilidade de se libertar tendo o tempo como seu antagonista? Como escapar de um tempo que não tem fim e que aprisiona a consciência? Será que a própria circularidade do tempo oferece resposta para a liberdade, ao transformar a repetição em um espaço de ressignificação?

Das quatro possibilidades de Sísifo se rebelar contra os deuses, entende-se que a primeira, "rebeldia ativa e liberdade", e a quarta, "abstinência e inércia", cada uma a seu modo, confronta (a primeira) o tempo circular ou resiste passivamente (a quarta) a ele, quando Sísifo não repete o esforço de empurrar a pedra. Já a segunda, "liberdade no movimento", e a terceira, "movimento sem empenho", mantêm-no preso ao tempo circular, mas de formas distintas. Na "liberdade no movimento", Sísifo tem a possibilidade de se libertar dentro da circularidade, pois pode ressignificar o ato de empurrar a pedra a cada repetição. De que forma? Ele pode empurrar a pedra não só com as mãos, como seria o esperado, mas também com as costas, os braços, os pés. A cada movimento, ele experimenta um sentido diferente, associado à sensação de cada parte do corpo. Ele pode sentir o esforço de forma mais ou menos árdua, pode perceber que o contato da pedra com suas costas, a fricção e a resistência dela, podem aliviar sua dor muscular, podendo lhe proporcionar inclusive prazer, dependendo da tensão em que a pedra o toca e ameniza sua dor. Ele pode esticar a perna para empurrar a pedra, o que lhe proporciona uma outra sensação distinta de relaxamento. Uma outra maneira de repensar o movimento de Sísifo seria explorar outras interações físicas com a pedra. Em vez de simplesmente empurrar, ele poderia girar a pedra, fazendo-a rolar. Nesse movimento, ele teria de encontrar equilíbrio, pois ela poderia tomar direções diversas. Ele também poderia tentar levantá-la, fazendo uso de alavancas, cordas, rampas.

Enfim, na "liberdade no movimento", Sísifo concentra toda a sua atenção na ação e não na dor, muito menos no fardo ou tampouco na condenação. Ele tem a possibilidade de recriar sua relação com o movimento a cada repetição. Nesse sentido, ele pode entender que mover a pedra não é só uma condenação, mas um ato de autoexpressão, onde ele se sente no controle da sua existência. Igualmente, ele pode começar a refletir sobre o movimento também como uma oportunidade de autocompreensão, questionando, entre outros, o trabalho, o esforço e o que significa ser livre numa condição próxima à escravidão, mas também ele pode pensar detidamente no sofrimento, no vazio. Mas, essencialmente, na "liberdade no movimento", ele tem a oportunidade de se mover, agir e criar significado no engajamento com a experiência em si, desvinculando-se da angústia de como parar a pedra no cume da montanha, se e quando de fato isso ocorrerá.

Com relação à terceira possibilidade, "movimento sem empenho", não há possibilidade de Sísifo se libertar do tempo circular, pois ele não está verdadeiramente envolvido na tarefa. Ele a executa de forma mecânica e não encontra sentido em sua realização. Dentre todas as possibilidades, essa é a menos libertadora e a mais aprisionadora, comparativamente. Essa possibilidade é de fato a mais alienante porque, ao executar a tarefa de forma mecânica e sem se envolver

emocional ou mentalmente com o movimento, Sísifo está totalmente desconectado de qualquer prazer, desprazer ou sentido que poderia derivar da atividade. Nesse caso, ele se torna apenas um executor de uma ação sem significado, o que é uma forma de alienação, onde ele perde sua capacidade de atribuir valor à experiência e se encontra preso em uma repetição vazia e sem propósito.

Por fim, ressalte-se, mais uma vez, que Sísifo, como argumentado no tópico III, é uma consciência ontológica. Isso implica sua capacidade de refletir sobre a existência e se relacionar com a tarefa de maneira consciente, independentemente dos aspectos físicos. Não há contradição entre essa reflexão e a análise realizada na segunda possibilidade, a "liberdade no movimento", onde foi abordada a experiência corporal e a capacidade de Sísifo de encontrar novos sentidos a partir não só de sensações físicas, mas também da atenção concentrada no movimento. Em outras palavras, ele é capaz de transformar e ressignificar o ato repetitivo em algo que envolve uma reflexão contínua sobre sua relação com o movimento.

Conclusão

Este artigo tratou da ressignificação da jornada de Sísifo na morte. Herói do absurdo, ele é ser (consciência) na morte, que pode refletir sobre si mesmo e sobre a condição de esforço e trabalho que envolvem sua condenação de empurrar eternamente uma pedra.

Na morte, é possível que ele transforme o sofrimento, em suas diferentes manifestações, como dor, fardo ou peso, frustração, em prazer e liberdade, como foi argumentado ao longo deste texto.

Também se destacou a relação estabelecida entre ele e a pedra, ambos sujeitos e objetos que se reconhecem. Nessa interação, como argumentado, a Sísifo, é possível a transcendência durante a realização da tarefa, assim como a condenação que ela implica, desde que ele não veja a pedra como um objeto a ser resistido ou combatido, mas se entrelaçando com ela ou nela se integrando em sua jornada.

Além disso, discutiu-se que Sísifo, como consciência na morte, tem quatro possibilidades de libertação: rebeldia ativa, liberdade no movimento, movimento sem empenho, e abstinência. Dessas quatro, apenas uma se apresentou como alienante, que foi o movimento sem empenho. Nas outras três, ele tem possibilidade de encontrar a transcendência como superação seja na própria realização da tarefa, seja se recusando a executá-la.

Abordou-se, ainda, o fluxo temporal como um recomeço incessante de uma tarefa sem fim. Aqui, examinou-se até que ponto as quatro possibilidades acima podem realmente ressignificar a liberdade na prisão do tempo cíclico.

Por fim, o texto conclui que a liberdade de Sísifo não reside propriamente em escapar da condenação eterna, o que obviamente não é possível, visto que ele já está morto e não teria para onde fugir, mas em encontrar sentido e expressão na repetição renovada e criativa da sua tarefa, transformando-a em uma experiência significativa. Essa, sem dúvida, seria uma resposta a J. Alfred Prufrock, eu lírico do poema de T.S. Eliot (1962), que abriu, como epígrafe, este texto e se pergunta: "Do I dare to disturb the universe?" ("Será que me atrevo a perturbar o universo?", tradução nossa).

Referências

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman; Paulina Watch. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ELIOT, T. S. The Love Song of J. Alfred Prufrock. In: **Collected Poems 1909-1962.** London: Faber and Faber, 1963.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"). Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).** Vol. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** 7. ed. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

KIERKEGAARD, Soren. **A repetição**. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A dúvida de Cézanne. In: **O olho e o espírito**. Trad. Paulo Neves; Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 123-149.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. In: **O olho e o espírito.** Trad. Paulo Neves; Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 15-56.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada***:* ensaio de ontologia fenomenológica. 24. ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Recebido em: 10/2025
Aprovado em: 07/2026